

OS NEOLOGISMOS COMO AÇÃO ILOCUCIONÁRIA DO SUJEITO ENUNCIADOR EM UM TEXTO LITERÁRIO

Maria Aparecida Lino Pauliukonis*

Resumo

*Este trabalho analisa os neologismos presentes no conto **Nós, os temulentos**, (**Tutameia**, Guimarães Rosa, 1968), a partir dos conceitos de Sistema, Norma e Uso, propostos por Eugenio Coseriu, em face da dicotomia *Langue e Parole* de Ferdinand de Saussure. Tendo em vista uma concepção de texto como um ato de linguagem, as criações neológicas do texto, fonte para o enriquecimento do léxico português, testemunham uma atividade ilocucionária consciente do sujeito enunciatório, o qual explora as potencialidades da Língua, a partir das virtualidades do Sistema.*

Palavras-chave: Neologismos; enunciação; atos de fala.

Abstract

*This paper analyses the neologisms that are present in “**Nós, os temulentos**”, (**Tutameia**, Guimarães Rosa, 1968), from the concepts of System, Norm and Use, proposed by Eugenio Coseriu, for the concepts of *Langue and Parole*. (Ferdinand de Saussure). Considering text as an act of speech, the neologist creations of the text contribute to the improvement of vocabulary in Portuguese and give us evidence of the Author’s illocutionary activity, which explores the potentialities of Language from the virtual regularities of the System.*

Key-words: Neologisms; enunciation, speech acts.

Considerando-se que todo “ato comunicativo” pressupõe uma interação significativa, este trabalho objetiva analisar como no texto *Nós, os temulentos*, Guimarães Rosa

(*Tutameia*, 1968) propõe a seu leitor uma ruptura com a norma usual da Língua Portuguesa, através do emprego de neologismos, formados a partir das virtualidades do Sistema Lingüístico. Pretende-se observar de que forma o leitor sujeito interpretante/destinatário capta essa intenção comunicativa, do Autor - sujeito comunicante/enunciador -, (Charaudeau, 1992), valendo-se da descodificação das estratégias concretizadas no emprego das diversas criações neológicas, em níveis sintáticos e lexicais.

Com o fim precípua de examinar a atividade ilocucionária do sujeito enunciatório, expressa em marcas lingüísticas enunciativas, vamos, sucintamente, revisar os conceitos de *Sistema, Norma e Fala*, noções propostas por Eugenio Coseriu (1979), em face da dicotomia *Langue e Parole* de Ferdinand de Saussure.

Para o estruturalismo saussuriano a *Langue* é um sistema funcional, um acervo lingüístico comum de uma determinada comunidade, oposta à *Parole*, realidade concreta e individual. Estudiosos da Lingüística pós-saussuriana sentiram, todavia, necessidade de definir uma instância intermediária entre o sistema virtual, rede de oposições funcionais e o uso, momentâneo e psicofísico. Um desses pesquisadores é o lingüista romeno Eugenio Coseriu que atentou para a inter-relação entre as duas instâncias dicotômicas e considerou importante definir uma abstração intermediária, que denominou de *Norma*, cujas diretrizes, segundo ele, o próprio Saussure teria sinalizado.

Ao estudar em 1948 a obra do poeta romeno Barbu, Coseriu percebeu que suas inovações, audaciosas e surpreendentes, não eram tidas como “erro” pelos leitores homóglotas, ao contrário, aceitas como normais, porque todas as “violações” eram reconhecidas como possibilidades do *Sistema*. O linguista estendeu os conceitos de *Norma* para o estudo das línguas transplantadas da Europa - sobretudo Português, Espanhol e Inglês, - cujas realizações diferem da língua mãe, mas não afetam o Sistema, do ponto de vista opositivo-funcional.

* Professora Doutora do Departamento de Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da UFRJ.

Tais “variações” constituiriam os elementos constantes, usuais de uma Língua, delimitados por uma norma, de natureza coercitiva e social, necessitando, pois, estar respaldada nos usos particulares das várias regiões. No caso do inglês, se uma pessoa usar *oxs* em vez do plural gramatical *oxen*, será compreendida por causa da analogia com o plural *books* ou *pencils*. Em português, o emprego de formas como *fazi e cabi*, por parte do público infantil ou por pessoas iletradas, não causa espanto, pois são intuídas de formas regulares como *dormi, bebi*. O mesmo princípio de realização normativa vale para outras formas como a dos femininos: *atriz e cantora*. Embora o *Sistema* admita a possibilidade de duas formas (*tora e triz*) para o gênero, temos para *ator* a forma *atriz*, mas para *cantor, cantora...*; do mesmo modo, a *Norma* admite *maestro e maestra*, mas não *amante e amanta*; prefere *ouvinte a ouvidor*, mas aceita *navegante e navegador*, condicionadas a contextos próprios. Por sua vez, os sufixos *mento e ção* são produtivos e intercambiáveis na formação de deverbais, mas como não se respaldou, por exemplo, *sofrimento e aflição*, a troca de um pelo outro - *sofrição e aflimento* - vai gerar estranheza ao usuário. Tais formas podem ser entendidas como possibilidades do *Sistema*, mas que não são acatadas pela *Norma* mais freqüente. Uma generalização a partir do *Sistema* lingüístico poderia prever que todos os nomes derivados de verbos poderiam alternar produções com os sufixos “*ção ou mento*” como formas produtivas em português. É o que se pode ver na criação de Guimarães Rosa: “Exercera-se num (bar), até às primeiras *duvidações diplópicas*”, expressão que o Autor prefere usar para as *dúvidas* de Chico, herói de *Nós, os temulentos* (*Tutameia*, 196, p.122).

Nos textos literários, é comum o escritor valer-se de possibilidades da língua, para inovar a norma lingüística. Ao analisar a força do virtuosismo lingüístico da obra de Guimarães Rosa, é oportuno fazer um paralelo com as extraordinárias experiências verbais de Mario de Andrade em Macunaíma, reconhecidas por Manuel Bandeira como uma iniciativa muito mais completa e eficiente do que a primeira revolução lingüística, promovida por José de Alencar. No seu afã de aproveitar as possibilidades do *Sistema*, Mário fez várias incursões criativas no campo de neologismos, dos quais podemos citar alguns exemplos de sua obra máster: “*A tristura talqualmente* correição devorava até o silêncio” (1972, p.37); “Macunaíma cruzou as munhecas no alto por detrás, fazendo um *cabeceiro* com as mãos”(idem, p.87). No âmbito da produtividade das criações neológicas, também podemos citar, entre outros autores, João Cabral de Melo Neto que, no poema, *Catar Feijão*, por exemplo, procura escolher as *palavras - pedra*, isto é, as que evitam uma leitura rápida, superficial, “*fluvante e flutual*”, segundo ele. Ao trocar os sufixos, o Autor coloca, no caminho do leitor, a *pedra* que vai impedi-lo de fazer uma *leitura ligeira, “flutuante e fluvial”*, adjetivos mais de acordo com a *Norma*, caracterizadores desse tipo de leitura.

Tais criações neológicas que refletem a grande potencialidade da linguagem, são os principais fatores responsáveis pela evolução de um idioma, fruto, como atestam os estudiosos, justamente da história de suas inovações. Assim, devido a sua função coercitiva e social, a *Norma*, ou o que se entende como *uso normal* de uma língua, é uma abstração, propriedade de todo o grupo social que a emprega; é ela que escolhe, fixa, opõe variantes e permite que o *Sistema* se realize apenas de forma parcial. Teoricamente o dicionário acolhe somente os vocábulos que são aceitos como normais, pois registra só o que é usual. As formas que ali não se encontram constituem possibilidades do *Sistema* e podem, teoricamente, encontrar guarida sempre que forem concretizadas no *Uso*.

A realidade, por sua vez, que consiste nos atos individuais dos falantes de um idioma, não reflete invenções arbitrárias, mas sim a organização de uma unidade maior que é a *Língua*, formada por um *Sistema*, ou um plano de abstração, constituído por uma rede de elementos em oposições funcionais. Essas se realizam em esquemas sintáticos e em unidades fônicas significantes, que constituem a *Norma*, imposta por modelos precedentes e acatada pela comunidade. *Norma* é, portanto, o que é aceito, o que se diz realmente numa comunidade lingüística e não o que se poderia ou deveria dizer, como alguns equivocados preceitos normativistas nos fazem crer.

Os estudos que focalizam a manifestação de neologismos de uma língua falam da relevância da dinâmica lexical, dentro dos limites da Lexicologia, onde são mais claramente observáveis as mudanças por que passam o sistema de valores partilhados socialmente, já que as mudanças sociais se refletem no universo lexical. O inventário geral é constituído por vocábulos que surgem graças à necessidade que o usuário tem de apreender, analisar, recortar, classificar os dados da experiência humana. Dessa forma, elabora-se uma visão de mundo ou um universo de valores, que vai ser, assim, expresso lingüisticamente. Situa-se aí a importância de se pesquisar o léxico e suas criações, nas diversas modalidades lingüísticas.

No caso específico do texto literário de Guimarães Rosa, a força e a expressividade de sua criação neológica estão patentes no processo criador de um *universo autônomo*, como bem caracterizou sua obra Antônio Cândido: “Apossando-se de realidades – na maior parte desconhecidas dos brasileiros - (...) consegue elaborar um universo autônomo, composto de realidades expressionais e humanas”. (Cândido, 1964, p.122).

Esse processo de criação era bastante consciente e foi definido pelo próprio Guimarães, como se pode ver no fragmento, a seguir:

Meus romances e ciclos de romances são na realidade contos, nos quais se unem ficção e realidade. Sei que daí pode nascer um filho ilegítimo, mas justamente o

autor deve ter um parêntese de controle: sua cabeça. Escrevo o idioma português, tal como usamos no Brasil, entretanto, no fundo, enquanto vou escrevendo, extraio de muitos outros idiomas. Disso resultam meus livros escritos em um idioma próprio, meu, e pode deduzir-se daí que não me submeto à tirania da gramática e dos dicionários dos outros. A gramática e a chamada filologia, ciência lingüística, foi inventada pelos inimigos da poesia. (Brait, 1982, p.123).

A criação dos neologismos rosianos, portanto, inicia-se no nível da experiência - mundo real, ou imaginário - do Autor, passa para o da conceptualização (modelos mentais) e depois para o da semiotização. Este último compreende a conversão do conceito em unidades lexicais (leximização) que, como todo processo discursivo, depende do que é permitido pelo Sistema e é acatado ou não pela Norma usual da Língua. Nesse processo de discursivização, portanto, o sujeito enunciativo /Autor, a partir do Sistema, tem o poder de gerar signos novos (vocábulos virtuais) que se configuram como recortes de um contexto lingüístico situacional, intencional, sócio-histórico etc. Todos esses elementos enfatizam o poder de significação virtual do novo vocábulo resultante de um processo criador.

Para ilustrar o processo de criação neológica em Português e, aceitando-se que no sistema aberto da Lexicologia estão mais claramente definidas as transformações de valores sociais compartilhados e as mudanças culturais de uma época, escolhamos o conto “Nós, os temulentos”, da obra *Tutaméia*, livro publicado trinta anos depois de Sagarana (1946). Guimarães Rosa narra as andanças dos amigos Chico, José e João, - que, bêbados, tentam voltar a suas casas - e pratica um experimentalismo lingüístico / formal de grande produtividade significativa, inovando a linguagem, a partir do Sistema, por meio do emprego de inúmeros neologismos.

Em Português, a criação de vocábulos neológicos dá-se por formações vernaculares e por empréstimos. Vamos focalizar aqui o primeiro caso, em função de dois processos principais: a *composição*, quando dois radicais se juntam para formarem um terceiro vocábulo, por meio da justaposição ou da aglutinação e a *derivação*, com o acréscimo de afixos, na prefixação e na sufixação. Veremos também exemplos de construções sintáticas inovadoras, usadas pelo Autor. Passemos aos exemplos:

1 NEOLOGISMOS POR COMPOSIÇÃO

1.1 Por justaposição:

Devemos atentar para a riqueza dos substantivos compostos de G. R e para o efeito da força descritiva trazida pelos elementos justapostos.

1 - “...nosso conflito essencial e drama talvez único seja mesmo o *estar-no-mundo*.”

“Foi de *ziguezague* e veio de *zaguezigue*”

Observa-se a criatividade que ocorre na inversão dos elementos dos vocábulos, para a descrição das ações cambaleantes do bêbado em suas idas e vindas.

2- “E vindo assim *montado-na-ema*...”

Aqui notar a importância do adjetivo descritivo de ação que tem por base o movimento do andar de uma ema.

3- ...“E horas depois, *peru-de-fim-de-ano*”...

A imagem agora resulta de uma comparação com a famosa ave etílica.

4- ...“E, ao cabo de até *que-fora-de-horas*, saíram...”.

Formação de advérbio temporal.

1.2 Por aglutinação:

5-...“Estava sozinho, detestava a *sozinhidão*”.

Evocação dos dois campos semânticos dos vocábulos *sozinho* e *solidão*, cujos semas são enfatizados pela aglutinação do conteúdo dos dois campos.

6- ...“E (...) *peruibambo*, tapava o caminho...”

Notar o advérbio descritivo de movimento, com a junção de pernas e bambas.

7- ...“E depois num *tombaleio*”

Temos a união das idéias de tombar e cambalear.

8- ...“Viram-no à entrada do edifício *curvabundo, tentabundo*...”

Os verbos curvar e tentar são acrescidos do sufixo.

9- ...“*Embriagatinhava*” (...)

Notar a junção dos dois verbos de ação: embriagar e engatinhar.

10-...“*Mistilíneo*, porém, porém”

Esse adjetivo descritivo, segundo o dicionário, é formado em parte por linhas curvas e, por outra, por linhas retas, caracterizando a ação de caminhar sem direção alguma.

2 NEOLOGISMOS POR DERIVAÇÃO

2.1 Por prefixação

11- ...“Os companheiros, com método, iam *combeber*”

Aqui devemos observar a produtividade e o reforço da idéia de conjunto, trazida pelo uso da preposição *com* e do verbo *beber*.

12- ...“Eu bebo para me *desapaixonar*.- E eu para esquecer.- Esquecer o quê? - Já esqueci...”

13-“(…) sua marcha ainda mais muito *incoordenada*”; “E *desgostados* com isso, João deixou Chico e Chico deixou João”.

A inovação, nos exemplos dados, assenta-se no uso dos prefixos: *des* e *in*, acoplados, de forma criativa, na formação de antônimos.

2.2 Por sufixação

14- “...até as primeiras *duvidações* diplópicas...”

Uso criativo na formação do deverbais, com o uso do sufixo *ção*.

15- ...“...nem a calçada nem a rua *olhosa* lhe ofereciam latitude suficiente.”; “Depois da *despedidosa* dose (...).

Sufixo próprio para a formação de nomes, usados aqui, de forma inovadora, em verbos como olhar e despedir.

16- ...“Ao passar por uma mulher na rua: - Feia!, - E você, seu bêbado? *Megerizou* a cuja” .

O sufixo causativo *izar* realiza o fato expresso na raiz do vocábulo *megera*, trazendo uma carga pejorativa à ação.

17- ...“Consegui *quadrupedar-se*, depois *verticou-se*.”

Criação de verbos da primeira conjugação, com o sufixo *ar*, processo que é muito produtivo em português e que está presente também em: “Outro próximo *prestimou-se* a tentar içá-lo...”

18- ...“Atravessou a rua, *zupicando*,...” Aqui chama a atenção a formação onomatopéica.

3 CONSTRUÇÕES SINTÁTICAS INOVADORAS

19- ...“Saiu de lá *meio proparoxítono*...;” E vindo, *noé, pombinho assim*...”

Inovação no uso dos advérbios de modo.

20- ...“E respondeu *com báquicos o melhor soluço e sorriso*”

Inversão dos termos functivos, cuja ordem direta ficaria assim: “E respondeu com o *melhor sorriso e soluço báquicos*”.

21- ...“Chico arrastando o José, *que nem que* a um morto proverbial...”

Uso do comparativo enfático polarizado da forma popular: *que nem que*.

22- ...“com o milagre de serem extraídos dos escombros *salvos e sãos, os bafos inclusive*...”

Expressão de frase feita: “*extraídos sãos e salvos*”, usada de forma inversa.

23- ...“Com susto, recuou, avançou de novo, e *idem, ibidem itidem, chocou-se; e ibibibidem*.”

24- ...“E *tumbou-se pronto* na cama, e desapareceu de si mesmo”.

Aqui temos os usos de neologismos latinos e o verbo *tumbar* que permite a criação de um *Neologismo conceitual*: o vocábulo muda de significado sem mudar a forma.

CONCLUSÃO

A obra de Guimarães Rosa pode ser analisada, a partir de diferentes perspectivas: literária, filosófica, metalinguística, psicossociológica ou histórica. Escolhemos um de seus contos, *Nós, os temulentos (Tutaméia, 1968)*, para ilustrar o processo criativo de suas formações neológicas. Com o aproveitamento das virtualidades do *Sistema* linguístico, concretizadas em termos de *Norma*, o Autor contribui para o enriquecimento do léxico da Língua Portuguesa, por meio da criação de neologismos, do emprego de palavras tomadas de empréstimos e da estruturação sintática inovadora. E para melhor fruir a linguagem de sua prosa poética, que alia ritmo, aliterações, metáforas e outras tantas imagens, constituindo-se um fenômeno ímpar na Literatura Brasileira, talvez devamos seguir as recomendações de Pagliaro, para quem “(…) as palavras são uma espécie de conchas, às quais temos de encostar os ouvidos, com humilde atenção, se quisermos apreender a voz que dentro delas ressoa”. (Pagliaro, 1965, p.210).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*: o herói sem nenhum caráter. São Paulo: Martins, 1972, p.37-87.

BRAITH, Beth. *Guimarães Rosa*. São Paulo: Abril Educação, 1982, p.102.

CÂNDIDO, Antônio. *Tese e antítese*. São Paulo: Nacional, 1964, p. 122.

CHARAUDEAU, Patrick. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992.

COSERIU, Eugenio. *Teoria da linguagem e lingüística geral*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

PAGLIARO, A. *A vida do sinal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1965, p. 210.

ROSA, Guimarães. *Tutameia-Terceiras histórias*. 2. ed, Rio de Janeiro: José Olympio, 1968, p.101-104.

ANEXO

Nós, os temulentos - Tutameia (Terceiras estórias) João Guimarães Rosa

Entendem os filósofos que nosso conflito essencial e drama talvez único seja mesmo o estar-no-mundo. Chico, o herói, não perquiria tanto. Deixava de interpretar as séries de símbolos que são esta nossa outra vida de aquém-túmulo, tão pouco pretendendo ele próprio representar de símbolo; menos, ainda, se exhibir sob farsa. De sobra afligia-o a corriqueira problemática quotidiana, a qual tentava, sempre que possível, converter em irrealidade. Isto, a pifar, virar e andar, de bar a bar.

Exercera-se num, até às primeiras duvidações dilatórias: - “Quando...- levantava doutor o indicador -. quando eu achar que estes dois dedos aqui são quatro”... Estava sozinho, detestava a sozinhidão. E arejava-o, com animação aquecente, o chamamento de aventuras. Saiu da lá já meio proparoxítono.

E, vindo, noé, pombinho assim, montado-na-ema, nem a calçada nem a rua olhosa lhe ofereciam latitude suficiente. Com o que, casual, por ele perpassou um padre conhecido, que retirou do breviário os óculos, para a ele dizer: - Bêbado, outra vez... - em pito de pastor a ovelha. - É? Eu também...- o Chico respondeu, com báquicos, o melhor soluço e sorriso.

E, como a vida é também alguma repetição, dali a pouco de novo o apostrofaram: - Bêbado, outra vez? E: - Não senhor... - o Chico retrucou - ... ainda é a mesma.

E, mais três passos, pernibambo, tapava o caminho a uma senhora, de paupérrimas feições, que em ira o mirou, com trinta espetos. - Feia! O Chico disse; fora-se-lhe a galanteria. - E você, seu bêbado!?- megerizou a cuja. E aí, o Chico: - Ah, mas... Eu?... Eu amanhã, estou bom...

E, continuando, com segura incerteza, deu consigo noutro local, onde se achavam os companheiros, com método iam combeber. Já o José, no ultimado, errava mão, despejando-se o preciosíssimo líquido orelha adentro. - Formidável! Educaste-a? - perguntou o João, de apurado falar. - Não, eu bebo para me desapaixonar... Mas o Chico possuía outros iguais motivos: - E eu para esquecer.... - Esquecer o quê?

- Esqueci.

E, ao cabo de até que-fora-de-horas, saíram. Chico e João, empunhando José, que tinha o carro. No que, no ato deliberaram, e adiaram, e entraram, ora em outra porta, para a despedidosa dose. João e Chico já arrastando o José, que nem que a um morto proverbial. - Dois uísques, para nós...- Chico e João pediram - e uma coca-cola aqui para o amigo, porque ele é quem vai dirigir.

E - quem sabe como e a que poder de meios - entraram no auto, pondo-o em movimento. Por poucos metros:

porque havia um poste. Com mais o milagre de serem extraídos dos escombros, salvos e sãos, os bafos inclusive. - Qual dos senhores estava na direção? - foi-lhes perguntado. Mas: - Ninguém nenhum. Nós todos estávamos no banco de trás...

E, deixado o José, que para mais não se prezava, Chico e João precisavam vagamente de voltar a casas. O Chico sinuoso, trambecando; de que valia, em teoria, entrefastar tanto as pernas? Já o João, pelo sim, pelo não, sua marcha ainda mais incoordenada. - Olhe lá: eu não vou contar a ninguém onde foi que estivemos até agora... - o João predisse; epilogava. E ao João disse o Chico: - Mas, a mim, que sou amigo, você não podia contar?

E, de repente, Chico perguntou a João: - Se é capaz, dê-me uma razão para você se achar neste estado?! Ao que o João obtemperou: - Se eu achasse a menorzinha razão, já tinha entrado em lar - para minha mulher ma contestar...

E, desgostados com isso, João deixou Chico e Chico deixou João. Com o que, este penúltimo, alegre embora física e metafisicamente só, sentia o universo: chovia-se-lhe. - Sou como Diógenes e as Danaides...- definiu-se, para novo prefácio. Mas, com alusão a João: - É isto... Bêbados fazem muitos desmanchos... - se consolou, num tombaleio. Dera de rodear caminhos, semi-audaz em qualquer rumo. E avistou um avistado senhor e com ele se abraçou: - Pode me dizer onde é que estou? - Na esquina de 12 de setembro com 7 de outubro. - Deixe de datas e detalhes! Quero saber é o nome da cidade...

E atravessou a rua, zupicando, foi indagar de alguém: - Faz favor, onde é que é o outro lado? - Lá...- apontou o sujeito. - Ora! Lá eu perguntei, e me disseram que era cá...

E retornou, mistilíneo, porém, porém. Tá que caiu debruçado em beira de um tanque, em público jardim, quase com o nariz na água.- ali a lua, grande, refletida: - Virgem, em que altura eu já estou!... E torna que, se - soerguido? Mais se ia e mais capengava, adernado: pois a caminhar com um pé no meio-fio e o outro embaixo na sarjeta. Alguém, o bom transeunte, lhe estendeu a mão, acertando-lhe a posição. - Graças a Deus! - deu - Não é que eu pensei que estava coxo?

E, vai, uma árvore e ele esbarraram, ele pediu muitas desculpas. Sentou-se a uma porta, e disse-se, ajuizado: - É melhor esperar que o cortejo todo acabe de passar...

E, adiante mais, outra esbarrada. Caiu: chão e chumbo. Outro, próximo, prestimou-se a tentar içá-lo. - Salvem primeiro as mulheres e as crianças ! Protestou Chico. - Eu sei nadar...

E conseguiu quadrupedar-se, depois verticou-se, disposto a prosseguir pelo espaço o seu peso corporal. Daí, deu contra um poste. Pediu-lhe: - Pode largar meu braço, Guarda, que eu fico em pé sozinho.. Com um susto, recuou, avançou de novo e idem, ibidem, itidem, chocou-se; e ibibibidem. Foi às lágrimas: - Meu Deus, estou perdido numa floresta impenetrável!

E, chorado, deu-lhe a amável nostalgia. Olhou com ternura o chapéu, restado no chão: - Se não me abaixo, não te levanto. Se me abaixo, não me levanto. Temos que nos separar, aqui...

E, quando foi capaz de mais, e aí que o interpelaram: - Estou esperando o bonde...- explicou. - Não tem bonde, a essa hora. - É? Então por que é que os trilhos estão aí no chão?

E deteve mais um passante e perguntou-lhe a hora. Daí: - Não entendo...- ingrato resmungou. - Recebo respostas diferentes, o dia inteiro.

E não menos deteve-o um polícia: - Você está bebaço borracho! - Estou não estou.... - Então, ande reto nesta linha do chão. - Em qual das duas?

E foi de ziguezague e veio de zaguezigue. Viram-no, à entrada de um edifício, todo curvabundo, tentabundo. - Como é que o senhor quer abrir a porta com um charuto? - É... então fumei a chave...

E, horas depois, peru-de-fim-de-ano, pairava, ali, chave no ar, na mão, constando-se de tranqüilo terremoto. - Eu? Estou esperando a vez da minha casa passar, para poder abrir... Meteram-no a dentro.

E, forçando a porta do velho elevador, sem notar que a cabine se achava parada lá em cima, caiu no poço. Nada quebrou. Porém: - Raio de ascensorista! Tenho certeza que disse: - Segundo andar!

E, desistindo do elevador, embriagatinhava escada acima. Pôde entrar no apartamento. A mulher esperava-o de rolo na mão. - Ah, querida! Fazendo uns pasteizinhos para mim? - O Chico se comoveu.

E, caindo em si e vendo mulher nenhuma, lembrou-se que era solteiro, e de que aquilo seriam reminiscências de uma antiqüíssima anedota. Chegou ao quarto, quis despir-se, diante do espelho do armário: - Quê?! Um homem aqui, nu pela metade? Sai, ou eu te massacre!

E, avançando contra o armário, e vendo o outro arremeter também ao seu encontro, assestou-lhe uma sapatada, que rebentou com o espelho nos mil pedaços de praxe. - Desculpe, meu velho. Também quem mandou você não tirar os óculos? - O Chico se arrependeu.

E, com isso, lançou; tumbou-se pronto na cama; e desapareceu de si mesmo.